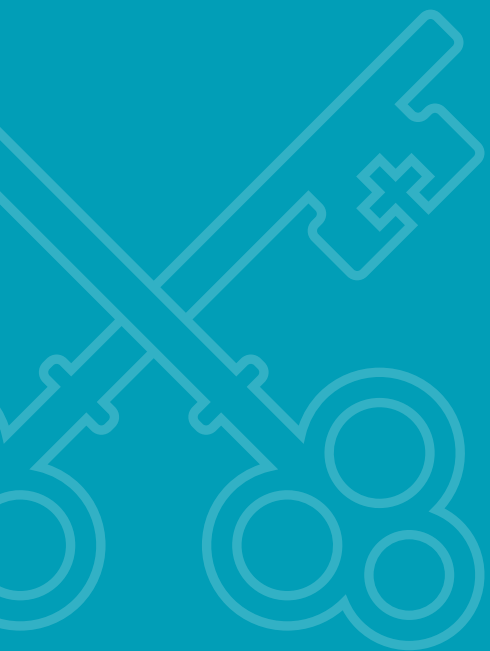


ORIENTAÇÕES
SOBRE A
PASTORAL
MIGRATÓRIA
INTERCULTURAL



ORIENTAÇÕES SOBRE A PASTORAL MIGRATÓRIA INTERCULTURAL

SECÇÃO MIGRANTES E REFUGIADOS

**DICASTÉRIO PARA O SERVIÇO DO
DESENVOLVIMENTO HUMANO INTEGRAL**

ÍNDICE

PREFÁCIO	5
ACRÓNIMOS	7
INTRODUÇÃO	8
1. RECONHECER E VENCER O MEDO	10
2. PROMOVER O ENCONTRO	13
3. ESCUTAR E TER COMPAIXÃO	16
4. VIVER A NOSSA CATOLICIDADE	19
5. RECONHECER OS MIGRANTES COMO UMA BÊNÇÃO	23
6. CUMPRIR A MISSÃO EVANGELIZADORA	28
7. COOPERAR COM VISTA À COMUNHÃO	32
CONCLUSÃO	35

PREFÁCIO

As presentes Orientações Pastorais reúnem propostas pertinentes no âmbito do ministério pastoral intercultural e traduzem de forma concreta o convite que sugeri na Encíclica *Fratelli tutti* de desenvolver uma cultura do encontro. Convido-vos a retomar a imagem do poliedro, que "representa uma sociedade onde as diferenças convivem integrando-se, enriquecendo-se e iluminando-se reciprocamente (...). Porque de todos se pode aprender alguma coisa, ninguém é inútil, ninguém é supérfluo" (FT, 215).

"Encontramo-nos todos no mesmo barco", chamados a um compromisso tendente à fraternidade universal. Para os católicos, isto traduz-se numa fidelidade cada vez maior à nossa realidade de católicos. Como escrevi na *Mensagem para o 107º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado*, "no encontro com a diversidade dos estrangeiros, dos migrantes, dos refugiados e no diálogo intercultural que daí pode brotar, é-nos dada a oportunidade de crescer como Igreja, enriquecer-nos mutuamente."

Nos momentos de maior crise, como agora devido à pandemia e às guerras que estamos a vivenciar, os nacionalismos fechados e agressivos (FT, 11) e o individualismo radical (FT, 105) fragmentam ou dividem o *nós*, tanto no mundo como no seio da Igreja. E o preço mais elevado é pago por aqueles que mais facilmente podem converter-se nos outros: os estrangeiros, os migrantes, os marginalizados, que habitam as periferias existenciais. Estas propostas preconizam precisamente um *nós* cada vez maior, tanto em relação à comunidade humana como à Igreja.

"Os fiéis católicos são chamados, cada qual a partir da comunidade onde vive, a comprometer-se para que a Igreja se torne cada vez mais inclusiva." Estas Orientações Pastorais convidam-nos a ampliar o modo como somos Igreja. Impelem-nos a ver a tragédia do desenraizamento prolongado e a acolher, proteger, integrar e promover os nossos irmãos e irmãs e a criar oportunidades de cooperação com vista à comunhão. Permitem-nos viver um novo Pentecostes nos nossos bairros e nas nossas paróquias, tomando consciência da riqueza da sua espiritualidade e das suas vibrantes tradições litúrgicas.

PREFÁCIO

A situação atual representa também uma oportunidade para viver uma Igreja verdadeiramente sinodal, em caminho, não instalada, nunca satisfeita, mas antes uma Igreja que “não faz distinção entre autóctones e estrangeiros, entre residentes e hóspedes”, porque todos somos peregrinos nesta terra.

Somos chamados a sonhar juntos. Não devemos ter medo de “sonhar como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos” (FT, 8). Estas propostas convidam-nos a concretizar este sonho a partir da nossa realidade concreta, expandindo-se como uma tenda até aos confins da terra, integrando os nossos irmãos e irmãs migrantes e refugiados, construindo juntos o Reino de Deus em fraternidade e universalidade.

O Senhor Jesus diz-nos que cada ocasião de encontro com uma pessoa refugiada ou migrante é uma oportunidade para nos encontrarmos com Ele próprio (cf. Mt 25,35). O seu Espírito torna-nos capazes de abraçar todos para criar comunhão na diversidade, harmonizando as diferenças sem nunca impor uma uniformidade que despersonaliza; e nesta alegria do encontro, as comunidades católicas são convidadas a crescer e a reconhecer a vida nova que os migrantes trazem consigo.

Franciscus

Vaticano, 3 de março de 2022

ACRÓNIMOS

ACR: Conselho Pontifício *Cor Unum* e Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, *Acolher Cristo nos Refugiados e nas Pessoas Deslocadas à Força*, Cidade do Vaticano 2013

IMH: Comissão Pontifícia para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, *Igreja e Mobilidade Humana, Carta para as Conferências Episcopais*, 1978

EG: Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, Cidade do Vaticano 2013

EMCC: Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, *Erga migrantes caritas Christi*, Cidade do Vaticano 2004

FT: Francisco, Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, Cidade do Vaticano 2020

LG: Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituição Dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, Cidade do Vaticano 1964

M&R: Secção Migrantes e Refugiados do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral

PMH: Congregação para a Educação Católica, *A pastoral da mobilidade humana na formação dos futuros sacerdotes*, Cidade do Vaticano 1986

RDS: Conselho Pontifício *Cor Unum* e Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, *Os Refugiados: um Desafio à Solidariedade*, Cidade do Vaticano 1992

INTRODUÇÃO

“Embora aparentemente não nos traga benefícios tangíveis e imediatos, é indispensável prestar atenção e debruçar-nos sobre as novas formas de pobreza e fragilidade, nas quais somos chamados a reconhecer Cristo sofrendo: os migrantes [pessoas deslocadas, refugiados] representam um desafio especial para mim, por ser Pastor duma Igreja sem fronteiras que se sente mãe de todos. Por isso, exorto os países a uma abertura generosa, que, em vez de temer a destruição da identidade local, seja capaz de criar novas sínteses culturais. [...]” (EG 210)

Apercebemo-nos cada vez mais de que o mundo inteiro é desafiado a trabalhar em conjunto para responder às necessidades e direitos humanos fundamentais das pessoas afetadas pelo deslocamento forçado, tanto internamente como além-fronteiras. Atualmente, a Igreja Católica é convidada a criar uma nova abordagem às relações humanas, começando pelo reconhecimento de que somos *fratelli tutti*, todos irmãos e irmãs.

Tal como afirmado na mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado de 2021, como Igreja somos confrontados com dois grandes desafios, que simultaneamente apresentam uma oportunidade e constituem uma missão - tanto *ad intra* como *ad extra*.

O desafio *ad intra* consiste em determinar *como viver a catolicidade da nossa fé*: uma Igreja capaz de incluir todos e de reconhecer que cada um dos batizados na fé católica, onde quer que se encontre, é membro de pleno direito da comunidade eclesial. Esta atitude exige acolher a chegada de católicos de diferentes partes do mundo e integrá-los nas comunidades locais como cidadãos e membros em igualdade de condições, como nos diz claramente S. Paulo: “já não sois hóspedes nem peregrinos, mas sois concidadãos dos santos e membros da família de Deus” (Efésios 2, 19). Todos os católicos têm direito a ser membros de

pleno direito dentro da Igreja, o que se entende como uma cidadania *ativa*: isto significa ser responsável, participar na vida eclesial, animar a liturgia e contribuir para as comunidades com a sua religiosidade própria e expressões culturais específicas. O primeiro passo consiste, portanto, em fazer espaço, alargar a tenda, de modo a incluir todos, sem divisão ou separação de classes, onde todos possam preservar as suas diferenças que enriquecem a comunidade, segundo o modelo da riqueza trinitária: a unicidade de Deus, em que coexistem três Pessoas.

O desafio *ad extra* consiste em determinar *como ser uma Igreja verdadeiramente missionária*: chegar a quantos precisam de ajuda, os descartados, os ostracizados, os oprimidos ... reconhecer e cuidar de todos, de acordo com o mandamento do Senhor. E, através da caridade e do amor, promover a conversão dos corações, nomeadamente entre os que estão fora da Igreja, por escolha própria ou porque nunca ouviram a mensagem salvífica de Jesus Cristo. Trata-se de um apelo a uma Igreja inclusiva, em que cada ser humano recebe a mensagem de salvação em Jesus Cristo.

A expressão visível da vida da Igreja em comunidades particulares concretas deveria refletir a diversidade dos seus membros. Os recém-chegados desafiam-nos a repensar a paróquia: não segundo o modelo de uma aldeia onde todos se conhecem e os recém-chegados são vistos como uma nova adição *de fora*, mas sim como uma Igreja em movimento, sempre *aberta a acolher os outros*. Não se trata de uma questão de assimilação, mas antes de um enriquecimento e de um caminho para a transformação de todos os membros da comunidade; os que chegam a um país não deveriam sentir-se como cidadãos de segunda, mas como parte da comunidade, um "nós" único, ou seja, membros plenos da Igreja.

As *Orientações sobre a Pastoral Migratória Intercultural* visam apresentar sugestões e propostas de ação concretas que podem articular-se em torno de quatro verbos: acolher, proteger, promover e integrar. Com estes quatro verbos, o Santo Padre sintetizou o compromisso assumido pela Igreja Católica em relação a todos quantos habitam as periferias existenciais, pois "não se trata de impor do alto programas assistenciais, mas de percorrer unidos um caminho através destas quatro ações, para construir cidades e países que, mesmo conservando as respetivas identidades culturais e religiosas, estejam abertos às diferenças e saibam valorizá-las no sinal da fraternidade humana"¹.

¹ Papa Francisco, Audiência Geral, 3 de abril de 2019.

1. RECONHECER E VENCER O MEDO

E Deus prosseguiu: "Eu sou o Senhor, Deus de teu pai. Não hesites em descer ao Egito, porque tornar-te-ei ali uma grande nação". (Gênesis 46, 3)

O medo é um companheiro habitual nas deslocações dos seres humanos e comunidades para novas situações e ambientes. É compreensível que o Egito, que representa o desconhecido, atemorize Jacob, apesar das múltiplas afirmações de que tudo vai correr bem. Esperemos que esse medo, que poderia desencadear percepções negativas e oposição a encontrar o outro, não assuma proporções exageradas, sendo devidamente considerado e, em seguida, vencido graças à intervenção sempre atenta de Deus.

DESAFIO

Uma percepção negativa dos migrantes e dos refugiados impede um acolhimento efetivo de muitos irmãos e irmãs vulneráveis em situação de mobilidade. As percepções distorcidas do estrangeiro como uma ameaça à segurança política e econômica levam frequentemente as comunidades locais a temerem o outro, incluindo os migrantes e os refugiados, exacerbando atitudes intolerantes e xenófobas.

RESPOSTA

A Igreja Católica é chamada a ajudar as comunidades locais a adquirirem uma compreensão correta do fenômeno da migração e assegurarem um ambiente favorável ao encontro mútuo. Isto pode ser conseguido através de ações como as seguintes:

1. Abordar os medos das pessoas e ajudá-las a ultrapassar as suas apreensões, aprofundando os seus conhecimentos sobre os migrantes e os refugiados, as suas histórias, as causas de fundo e os efeitos da sua migração.

Com a ajuda dos agentes sociais e pastorais, é necessário fazer conhecer aos autóctones os complexos problemas das migrações e superar suspeitas infundadas e preconceitos ofensivos contra os estrangeiros.²

2. Envolver os meios de comunicação na divulgação de boas práticas de acolhimento e hospitalidade, bem como de histórias de migrantes e refugiados que contribuem com sucesso para o desenvolvimento humano integral das comunidades anfitriãs.

Os meios de comunicação social, neste campo, têm um papel de grande responsabilidade: cabe a eles, de fato, desmascarar estereótipos e fornecer informações corretas, o que significará denunciar o erro de alguns, mas também descrever a honestidade, a retidão e a magnanimidade da maioria. [...] Os meios de comunicação também são chamados a entrar nesta "conversão de atitudes" e a incentivar esta mudança de comportamento em relação aos imigrantes e refugiados.³

3. Adotar uma linguagem positiva no discurso público sobre os migrantes e os refugiados e a difusão de argumentos sólidos e creíveis contra as informações deturpadas feitas a seu respeito.

Os meios de informação têm um papel importante a desempenhar na formação da opinião pública e a responsabilidade de utilizar uma terminologia correta, de modo particular no que se refere aos refugiados, aos requerentes de asilo e a outras formas de migração.⁴

² EMCC, 41.

³ Francisco, *Mensagem para o Dia do Migrante e do Refugiado*, Cidade do Vaticano 2014.

⁴ ACR, 42.

1. RECONHECER E VENCER O MEDO

4. Fomentar a empatia e a solidariedade para com os migrantes e os refugiados, reconhecendo-os como irmãos e irmãs, detentores da mesma dignidade humana e coprotagonistas na construção de um *nós* cada vez maior na sociedade e incentivar uma expressão plena da fraternidade cristã na Igreja.

Desejo convidar-vos a uma maior consciência da vossa missão: ver Cristo em cada irmão e irmã necessitados, proclamar e defender a dignidade de cada migrante, de cada pessoa deslocada e de todos os refugiados. Desta forma, a assistência prestada não será considerada uma esmola que depende da vontade do nosso coração, mas um gesto devido de justiça.⁵

5. Envolver os jovens e os jovens adultos, que geralmente têm um espírito mais aberto e tendem a formular uma percepção mais compreensiva dos migrantes e dos refugiados, numa alteração real da narrativa migratória.

Ajudai os jovens a crescer na cultura do encontro, capazes de conhecer pessoas diversas, as diferenças, e de crescer com as diferenças: é assim que crescemos, com confronto, com um bom confronto.⁶

⁵ João Paulo II, *Discurso aos Participantes na Assembleia do Conselho da CICM*, 2001.

⁶ Francisco, *Diálogo entre Sua Santidade o Papa Francisco e os Estudantes, Docentes e Pais do Instituto São Carlos de Milão*, Sala Paulo VI, 6 de abril de 2019.

2. PROMOVER O ENCONTRO

“Os que iam à frente repreendiam [o cego] para que se calasse. Mas ele gritava cada vez mais: “Filho de David, tem misericórdia de mim!” (Lucas 18, 39)

O cego de Jericó quer encontrar Jesus, mas há pessoas que tentam impedi-lo. Ele não deixa que essas pessoas o desmotivem, e grita cada vez mais alto para ser ouvido por Jesus. Vivemos em contextos em que o encontro é frequentemente evitado; é também dificultado por pessoas que gostariam de manter o *status quo* ou, pior ainda, fomentar o conflito; ou em que as pessoas tentam silenciar as vozes dos marginalizados, excluindo-os dos encontros que constroem a comunidade. Promover o encontro significa procurá-lo “cada vez mais”, criando oportunidades que permitam ouvir todas as vozes, especialmente as das pessoas mais vulneráveis.

DESAFIO

As comunidades católicas estão com frequência mal preparadas e ficam desorientadas com a chegada de muitos migrantes e refugiados. Por sua vez, estes podem sentir dificuldades de integração com a população local, optando pela criação de zonas de conforto e guetos.

RESPOSTA

A Igreja Católica é chamada a construir pontes entre as comunidades locais e os recém-chegados, promovendo uma verdadeira ‘cultura do encontro’. Isto pode ser conseguido por intermédio de ações como:

2. PROMOVER O ENCONTRO

1. Envolver-se de modo proativo na luta contra as desigualdades e promover uma mudança da cultura do descarte para uma cultura do cuidado e do encontro, como elemento fundacional da vida comunitária.

Os cristãos, corroborados pela certeza da fé, devem demonstrar que pondo em primeiro lugar a dignidade da pessoa humana com todas as suas exigências, os obstáculos criados pela injustiça humana começarão a cair.⁷

2. Sustentar a noção de que a migração é um fenômeno global interligado que cria oportunidades de encontros enriquecedores e crescimento cultural para todas as pessoas envolvidas.

Uma simples justaposição de grupos de migrantes e de autóctones tende ao fechamento recíproco das culturas, ou então à instauração de simples relacionamentos de exterioridade ou de tolerância entre si. Todavia, dever-se-ia promover uma fecundação recíproca das culturas. Isto supõe o conhecimento e abertura das culturas entre si mesmas, num contexto de compreensão e benevolência autênticas.⁸

3. Preparar as pessoas para encontros vivificantes, que tirem proveito de todas as valências da educação católica: escolas, sessões de catequese, grupos de jovens, formação cristã, etc.

Os Consagrados e as Consagradas, as Comunidades, os Movimentos eclesiais e as Associações de Leigos, e também os Agentes pastorais, devem sentir-se empenhados em educar sobretudo os cristãos ao acolhimento, à solidariedade e à abertura aos estrangeiros, a fim de que as migrações se tornem uma realidade

⁷ RDS, 25.

⁸ João Paulo II, *Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado*, Cidade do Vaticano 2005.

sempre mais "significativa" para a Igreja, e os fiéis possam descobrir os Semina Verbi (as sementes do Verbo) presentes nas diversas culturas e religiões.⁹

4. Incentivar as paróquias a criar espaços de encontro, onde tanto os fiéis locais como os recém-chegados tenham a oportunidade de partilhar as suas experiências e celebrar a sua diversidade cultural, como por exemplo: encontros desportivos, festas, outros eventos sociais. Devido à sensibilidade e necessidades específicas dos jovens locais e dos recém-chegados, deveriam ser desenvolvidos programas pastorais específicos para esses grupos.

As Igrejas particulares são, portanto, chamadas a abrir-se, justamente por causa do Evangelho, a uma melhor acolhida dos migrantes, também com iniciativas pastorais de encontro e de diálogo, mas, sobretudo, ajudando os fiéis a superar preconceitos e prevenções.¹⁰

5. Formar os agentes pastorais como "construtores de pontes", promotores de um diálogo enriquecedor e de uma atitude de partilha entre os habitantes locais e os recém-chegados. Um primeiro passo poderia consistir em estabelecer contacto com os recém-chegados, no âmbito do território paroquial, e convidá-los a tornarem-se membros ativos da comunidade local.

Todos os esforços que puderdes realizar para lançar pontes entre as comunidades eclesiais, paroquiais, diocesanas, bem como através das Conferências Episcopais, constituem um gesto profético da Igreja, que, em Cristo, é "o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano" (Lumen Gentium, 1).¹¹

⁹ EMCC, 96.

¹⁰ EMCC, 100.

¹¹ Francisco, *Viagem Apostólica ao Panamá por ocasião da 34ª Jornada Mundial da Juventude*. Encontro com os Bispos da América Central (SEDAC), 24 de janeiro de 2019.

3. ESCUTAR E TER COMPAIXÃO

“Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram”. (Romanos 12, 15)

Uma escuta verdadeira é sempre um exercício de simpatia e empatia, implicando que a pessoa que escuta tem de aprender a interessar-se pela pessoa que partilha a sua experiência, e essa experiência humana tem de ressoar no coração do ouvinte. É esta atitude de compreensão e cuidado pelos outros que une as pessoas e gera uma comunidade humana compassiva.

DESAFIO

Devido a uma atitude de suspeição ou falta de preparação, as comunidades católicas locais podem ignorar as experiências e necessidades, medos e aspirações dos migrantes e dos refugiados, impedindo a criação da empatia e compaixão necessárias para tornar o encontro com estes significativo e enriquecedor.

RESPOSTA

Considerando cada ocasião de encontro com os migrantes e refugiados necessitados como uma oportunidade única de encontrar o próprio Jesus Cristo (cf. Mt 25, 32) e praticar o mandamento do amor, a Igreja Católica é chamada a escutá-los ativamente e a tornar-se mais compassiva. Este objetivo pode ser conseguido através de ações como:

1. Promover no seio das comunidades católicas locais uma cultura de cuidado para com os migrantes e os refugiados que se encontram profundamente feridos, prestando especial atenção aos menores.

“Quem receber um destes meninos em meu nome é a Mim que recebe; e quem Me receber, não Me recebe a Mim, mas Àquele que Me enviou” (Mc 9, 37; cf. Mt 18, 5; Lc 9, 48; Jo 13, 20). Com estas palavras, os evangelistas recordam à comunidade cristã um ensinamento de Jesus que é entusiasmador mas, ao mesmo tempo, muito empenhativo. De facto, estas palavras traçam o caminho seguro que [...] conduz até Deus.¹²

2. Convidar os paroquianos, especialmente os jovens e os jovens adultos, a envolverem-se pessoalmente em programas de assistência aos migrantes e refugiados necessitados, a fim de fomentar a empatia e a compaixão.

Sacerdotes, religiosos e religiosas, leigos, e sobretudo os jovens e as jovens, mostrem-se sensíveis e ajudem incontáveis irmãs e irmãos que, tendo fugido da violência, se devem confrontar com novos estilos de vida e com dificuldades de integração. O anúncio da salvação em Jesus Cristo será fonte de alívio, esperança e “alegria completa” (cf. Jo 15,11).¹³

3. Incluir técnicas de aconselhamento e escuta como parte da formação dos agentes pastorais envolvidos na pastoral dos migrantes.

¹² Francisco, *Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado*, Cidade do Vaticano 2017.

¹³ Bento XVI, *Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado*, Cidade do Vaticano 2011.

3. ESCUTAR E TER COMPAIXÃO

Por conseguinte, é necessário que, desde o princípio, nos seminários “a formação espiritual, teológica, jurídica e pastoral... vise os problemas levantados no campo pastoral da mobilidade humana”.¹⁴

4. Incentivar os profissionais de saúde e os agentes sociais católicos a desenvolverem serviços específicos para os migrantes e os refugiados necessitados e ministrar formação aos agentes pastorais no âmbito da sua missão.

Sociólogos, psicólogos, antropólogos, economistas, juristas e canonistas, moralistas e teólogos deviam reunir-se e, comparando os seus conhecimentos e experiências com aqueles que têm o cuidado das almas, contribuiriam para aprofundar o conhecimento do fenómeno e para propor meios adequados para lidar com o mesmo.¹⁵

¹⁴ ACR, 101.

¹⁵ IMH, 40.

4. VIVER A NOSSA CATOLICIDADE

“Vós sabeis que não é permitido a um judeu ter contacto com um estrangeiro ou entrar em sua casa. Mas Deus mostrou-me que não se deve chamar profano ou impuro a homem algum”. (Atos 10, 28)

Pedro, inspirado pelo Espírito e pelo convite do centurião romano Cornélio, reconhece abertamente o seu pressuposto de que as pessoas pertencentes a diferentes nações e religiões deveriam ser evitadas. No entanto, admite também abertamente que Deus lhe mostrou um caminho novo e diferente: convidar os gentios a participar na salvação oferecida por Cristo e vivida em plenitude na Igreja. É este caminho que, a partir desse momento, a Igreja, iluminada pelo Espírito, é chamada a percorrer.

DESAFIO

A tendência para uma uniformidade pré-estabelecida e para uma retórica nacionalista existente em certas comunidades católicas locais contraria o verdadeiro sentido da Igreja que, pela sua própria natureza, é universal e constituída por pessoas de diferentes línguas e tradições. Esta tendência leva a divisões e compromete os esforços para promover uma expressão autêntica da comunhão eclesial universal.

RESPOSTA

A Igreja Católica é chamada a entender a multiplicidade dos seus membros como uma riqueza a valorizar, uma oportunidade para se tor-

4. VIVER A NOSSA CATOLICIDADE

nar mais visivelmente "católica" e também como um dom a celebrar com liturgias vibrantes que respeitam as diferentes tradições culturais. Isto pode ser realizado através de ações e reflexões como as seguintes:

1. Reforçar a compreensão da Igreja como comunhão na diversidade, à imagem do Deus uno e trino, e como mãe de todos, uma casa e uma família para todos os batizados.

Em virtude desta mesma catolicidade, cada uma das partes traz às outras e a toda a Igreja os seus dons particulares, de maneira que o todo e cada uma das partes aumentem pela comunicação mútua entre todos e pela aspiração comum à plenitude na unidade.¹⁶

2. Acolher a autêntica multiplicidade da expressão cultural e religiosa no seio das comunidades católicas locais como uma oportunidade para aprender com diferentes tradições e para fomentar a valorização intercultural através de uma comunicação criativa.

Sacramento de unidade, a Igreja vence as barreiras e as divisões ideológicas ou raciais e a todos os homens e culturas proclama a necessidade de buscar a verdade, numa perspectiva de justo confronto, de diálogo e de acolhida recíproca. Assim, as diversas identidades culturais devem abrir-se a uma lógica universal, não desprezando as suas próprias características positivas, mas colocando-as a serviço de toda a humanidade. E, no que corresponde à Igreja particular, esta lógica evidencia e manifesta aquela unidade na diversidade que se contempla na visão trinitária, a qual, por sua vez, conduz a comunhão de todos à plenitude da vida pessoal de cada um.¹⁷

¹⁶ LG, 13.

¹⁷ EMCC, 34.

3. Providenciar espaços adequados para celebração da liturgia e convidar os fiéis a participar nas diversas celebrações, de modo a poderem valorizar a riqueza da espiritualidade e das tradições católicas.

A unidade da Igreja não é dada pela origem e língua comuns, mas pelo Espírito de Pentecostes que, recolhendo num só Povo, pessoas de línguas e nações diferentes, confere a todos a mesma fé no Senhor e a chamada à mesma esperança.¹⁸

4. A prestação de assistência pastoral adequada - ministros, estruturas e programas - a todos os fiéis de diferentes origens étnicas deve ser sempre entendida como o primeiro passo de um processo de integração de longo prazo visando a criação de comunhão na diversidade.

Solicita-se às conferências episcopais que, tendo em conta o grande número atual de migrantes e itinerantes, deleguem num sacerdote escolhido para esta finalidade ou numa comissão especial criada para o efeito, tudo quanto respeite ao estudo e orientação da assistência espiritual destas pessoas.¹⁹

5. Formação específica para aumentar as capacidades e competências dos ministros e agentes pastorais, a fim de promover a implementação dos pontos supracitados.

Uma preparação específica constitui uma necessidade incontornável, devido tanto à natureza como à eficácia deste tipo de trabalho pastoral. [...] Torna-se ainda mais evidente a necessidade de uma formação espiritual, teológica, jurídica e pastoral nos seminários.

¹⁸ Cf. EMCC, 103.

¹⁹ Sagrada Congregação para os Bispos, *Instrução De Pastoralis Migratorum Cura: Sobre a Assistência Pastoral dos Migrantes*, Cidade do Vaticano 1969

4. VIVER A NOSSA CATOLICIDADE

rios e nos vários noviciados, por forma a sensibilizar os futuros sacerdotes para os problemas suscitados pelo cuidado pastoral dos migrantes.²⁰

6. Formar seminaristas para servirem uma Igreja que é católica por natureza e cada vez mais universal na sua expressão concreta, incluindo módulos específicos nos seus programas teológicos, a fim de aumentar a sua proficiência nas línguas faladas pelos fiéis e promover a sua exposição pastoral nos países de origem dos migrantes.

A assistência aos migrantes produzirá certamente frutos se for efetuada por pessoas que os conheçam bem [i.e., a mentalidade, pensamentos, cultura e vida espiritual] e que sejam perfeitamente proficientes nas línguas desta população. Assim se confirma a vantagem óbvia da assistência prestada por sacerdotes da própria língua dos migrantes enquanto tal contributo se revelar útil.²¹

²⁰ IMH, 33.

²¹ Sagrada Congregação para os Bispos, *Instrução De Pastoralis Migratorum Cura: Sobre a Assistência Pastoral dos Migrantes*, Cidade do Vaticano 1969

5. RECONHECER OS MIGRANTES COMO UMA BÊNÇÃO

***“Não vos esqueçais da hospitalidade porque, por ela, alguns, sem o saberem, hospedaram anjos”.
(Hebreus 13, 2)***

A graça de Deus é frequentemente vivenciada de uma forma surpreendente e imprevisível. A Carta aos Hebreus, que refere o encontro de Abraão e Sara com os três homens em Mambré (Genesis 18), reafirma que os peregrinos e estrangeiros podem ser veículos e mensageiros inesperados da graça divina. Torna-se, pois, essencial acolher as pessoas itinerantes e os migrantes para permanecermos ligados a este canal precioso através do qual Deus quer enriquecer e revitalizar as nossas comunidades.

DESAFIO

Em países com fluxos migratórios consideráveis, muitas comunidades católicas contam com uma percentagem elevada de migrantes. Em alguns casos, quase todos os paroquianos são estrangeiros. Além disso, em certas dioceses a continuidade dos serviços sacramentais e pastorais depende já de sacerdotes vindos do estrangeiro. No entanto, esta realidade raramente é reconhecida como uma bênção, como uma ocasião propícia para revitalizar a vida eclesial, em particular nos locais em que, devido à secularização, o deserto espiritual avança ameaçadoramente.

RESPOSTA

A Igreja Católica é chamada a reconhecer e valorizar as oportunidades oferecidas pelos migrantes católicos como meio de dinamização das comunidades locais. Este objetivo pode ser conseguido mediante ações como as seguintes:

1. Reconhecer a presença dos migrantes nas comunidades católicas e promover a compreensão dessa presença como uma bênção e uma ocasião de abertura à graça de Deus suscetível reanimar a vida eclesial, uma vez que os migrantes podem ser agentes de uma nova dinâmica revitalizadora.

As suas peculiaridades se tornam chamada à fraternidade pentecostal, onde as diferenças são harmonizadas pelo Espírito e a caridade se faz autêntica na aceitação do outro. O fenómeno migratório, todavia, pode ser o anúncio do mistério pascoal, para o qual a morte e ressurreição tendem à criação da humanidade nova, na qual não existe mais nem escravo nem estrangeiro (cf. Gal 3:28).²²

2. Capacitar os migrantes, de modo a reconhecerem a sua própria riqueza como um valioso contributo para a vida das comunidades locais, através das aptidões e experiência adquiridas nas suas comunidades de origem.

[...] Muitos migrantes desempenharam, desde o início, um papel importante. Os migrantes foram os primeiros missionários que apoiaram o trabalho dos apóstolos nas regiões da Judeia e da Samaria. A migração, como veículo de transmissão da fé, foi uma constante na história da Igreja e na evangelização de países inteiros. Várias comunidades cristãs florescentes principiaram frequentemente como pequenas colónias de migrantes que, sob a orientação de um sacerdote, se reuniam

22 EMCC, 18.

em modestos edifícios para escutar a Palavra de Deus e Lhe pedirem coragem para enfrentar as provações e dificuldades da sua dura situação.²³

3. Preparar os migrantes católicos para serem verdadeiros missionários nos países de destino, testemunhas da sua fé e arautos do Evangelho. Esta missão deveria ser reconhecida, promovida e apoiada através de uma cooperação intereclesial eficaz.

Os refugiados e as próprias pessoas deslocadas à força dispõem de uma grande potencialidade para a evangelização [...] é necessário despertar a sua consciência e oferecer-lhes a formação necessária, em primeiro lugar iluminando-os a respeito dos valores do testemunho, sem excluir a proclamação explícita que tem em consideração as várias situações e circunstâncias, no pleno respeito pelo próximo em todos os casos.²⁴

4. Promover a participação ativa dos migrantes católicos na vida das paróquias locais, inserindo-os nos conselhos pastorais e financeiros paroquiais e conferindo-lhes outras responsabilidades pastorais.

Os migrantes devem considerar-se a si próprios não só como beneficiários da assistência da Igreja, mas também como parte ativa na sua missão. Enquanto procura aliviar as dificuldades que os migrantes enfrentam em viver o seu compromisso com Cristo num novo ambiente, sobretudo na fase inicial do seu estabelecimento, a Igreja encoraja-os a envolverem-se na vida e na missão eclesiais.²⁵

²³ João Paulo II, *Devido à Migração, Povos que Nunca Tinham Ouvido a Mensagem Cristã, Conheceram, Valorizaram e, Muitas Vezes, Abraçaram a Fé*, Mensagem para o Dia Mundial do Migrante 1989, 10 de setembro de 1989.

²⁴ ACR, 88.

²⁵ Conferência dos Bispos Católicos Australianos, *Sobre o Cuidado Pastoral dos Migrantes e dos Refugiados*, Declaração, 2000.

5. RECONHECER OS MIGRANTES COMO UMA BÊNÇÃO

5. Prever novas estruturas pastorais para responder mais eficazmente à crescente presença de migrantes, i.e., paróquias interculturais, em que os programas pastorais visam construir uma comunidade enriquecida pela diversidade.

A pastoral de conjunto significa aqui, sobretudo, comunidade que saiba valorizar a pertença a culturas e povos diferentes. (...) neste sentido pode-se prever a paróquia intercultural e interétnica ou inter-ritual, onde se cuida, ao mesmo tempo, da assistência pastoral dos autóctones e dos estrangeiros residentes no mesmo território. Assim a paróquia territorial tradicional se tornará um lugar privilegiado e estável de experiências interétnicas ou interculturais, onde os grupos conservam uma certa autonomia.²⁶

6. Desenvolver programas catequéticos e pastorais inovadores que tenham em conta a presença significativa de crianças e jovens de segunda geração e o dinamismo intercultural que estes podem promover nas comunidades locais.

Solicitamos que seja prestada especial atenção às crianças e jovens migrantes e imigrantes, que partilham duas culturas, em especial para lhes oferecer oportunidades de liderança e serviço na comunidade e incentivar as vocações entre eles.²⁷

7. Oferecer formação específica aos sacerdotes estrangeiros que exercem o seu ministério junto das comunidades locais, para que se tornem mediadores hábeis de uma integração revitalizadora entre os fiéis locais e os recém-chegados.

²⁶ EMCC, 93.

²⁷ Conferência dos Bispos Católicos dos *Estados Unidos*, *Ninguém é Estrangeiro: Juntos na Jornada de Esperança*, 2003

É importante que exista uma cooperação prudente e generosa entre dioceses visando a disponibilização de sacerdotes e religiosos com capacidade para este importante ministério. Devem ser elaboradas diretrizes para a sua formação e recepção pela diocese anfitriã em conjunto com a diocese de origem. Durante a sua estadia na diocese anfitriã, os sacerdotes e religiosos internacionais merecem uma orientação abrangente e cuidada e um acolhimento generoso.²⁸

8. Formar ministros e seminaristas capacitando-os para a implementação dos pontos supracitados.

Esta preparação deve basear-se na revelação profética da hospitalidade, no preceito evangélico da fraternidade cristã, no fundamento teológico dos direitos humanos e na convicção absoluta da dignidade da pessoa humana. É óbvio que uma formação assim motivada constitui a melhor forma possível de garantir que as diretrizes da Igreja a favor dos migrantes, independentemente da sua religião, cultura ou condições sociais, sejam prontamente aplicadas e com um espírito verdadeiramente sacerdotal.²⁹

²⁸ Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos, *Ninguém é Estrangeiro: Juntos na Jornada de Esperança*, 2003

²⁹ PMH, 5.

6. CUMPRIR A MISSÃO EVANGELIZADORA

“Se Deus, portanto, lhes concede o mesmo dom que a nós, por terem acreditado no Senhor Jesus Cristo, quem era eu para me opor a Deus?” (Atos 11, 17)

Deus Pai, por intermédio do Espírito Santo, oferece a todos, sem exceção, os dons vivificantes da fé, esperança e amor em Jesus. A Igreja não deve opor-se à missão de Deus reduzindo esta oferta universal em nome de princípios religiosos e etnocêntricos distorcidos. A missão pertence a Deus, que a confiou à Igreja. Esta cumpre a sua missão proclamando o Evangelho a todas as nações, sob a orientação do Espírito Santo.

DESAFIO

Muitas comunidades católicas encaram a chegada dos migrantes e dos refugiados de outros credos ou sem religião como uma ameaça à sua identidade religiosa e cultural estabelecida. Tal percepção determina, frequentemente, atitudes de desconfiança e suspeição que impedem qualquer interação significativa com estas populações.

RESPOSTA

A Igreja Católica é chamada a ver na presença de muitos migrantes e refugiados de outros credos ou sem religião uma oportunidade providencial para cumprir a sua missão evangelizadora através do testemunho e da caridade. Esta abordagem pode ser concretizada mediante ações como as seguintes:

1. Promover uma reflexão missiológica sobre as migrações como um sinal dos tempos e uma oportunidade para pensar a forma como a Igreja pode acolher a todos, e divulgar os resultados dessa reflexão entre os fiéis.

A fim de dizer a “razão” do cuidado pastoral aos migrantes e aos refugiados, convidamos a aprofundar a reflexão teológica sobre as migrações como sinal dos tempos.³⁰

2. Preparar os fiéis locais para o encontro com os migrantes e os refugiados de outros credos ou sem religião, dado que tal encontro representa uma ocasião concreta de testemunho jubiloso que pode aprofundar e fortalecer a fé católica.

Os cristãos são chamados a testemunhar e praticar, além do espírito de tolerância, - que também é uma grandíssima aquisição política e cultural, além de religiosa - o respeito das outras identidades, empreendendo, onde é possível e conveniente, percursos de partilha com pessoas de origem e de culturas diferentes, em vista também de um “respeitoso anúncio” da própria fé.³¹

3. Incentivar atitudes de acolhimento e serviços caritativos para com todos os migrantes e refugiados nas comunidades locais como forma oportuna de anunciar o amor misericordioso de Deus e a salvação de Jesus Cristo.

Por isso, a presença dos migrantes e refugiados – como a das pessoas vulneráveis em geral – constitui, hoje, um convite a recuperar algumas dimensões essenciais da nossa existência cristã e da nossa humanidade, que correm o risco de entorpecimento

³⁰ Francisco, *Discurso aos Membros da Federação Internacional das Universidades Católicas*, 4 de novembro de 2017

³¹ EMCC, 9.

6. CUMPRIR A MISSÃO EVANGELIZADORA

num teor de vida rico de comodidades. (...) Através das obras de caridade, demonstramos a nossa fé (cf. Tg 2, 18). E a caridade mais excelsa é a que se realiza em benefício de quem não é capaz de retribuir, nem talvez de agradecer.³²

4. Fomentar a capacidade das comunidades locais para encetarem um diálogo inter-religioso, a partir de um conhecimento sólido e equilibrado das outras religiões, que vá além das generalizações e preconceitos.

Uma só família de irmãos e irmãs em sociedades que se tornam cada vez mais multi-étnicas e intra-culturais, onde também as pessoas de várias religiões são estimuladas ao diálogo, para que se possa encontrar uma serena e frutuosa convivência no respeito das legítimas diferenças.³³

5. Incluir a missão dirigida aos migrantes e aos refugiados nos programas pastorais a nível diocesano e paroquial.

As migrações podem criar possibilidades para a nova evangelização; abrir espaços para o crescimento de uma nova humanidade, preanunciada no mistério pascal: uma humanidade em que toda terra estrangeira é uma pátria, e em que toda pátria é uma terra estrangeira.³⁴

6. Formar os ministros e seminaristas para a implementação dos pontos acima referidos.

³² Francisco, *Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado*, Cidade do Vaticano 2019

³³ Bento XVI, *Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado*, Cidade do Vaticano 2010

³⁴ Francisco, *Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado*, Cidade do Vaticano 2013

“A pastoral dos migrantes não é obra só destes «missionários» destacados, é obra de toda a Igreja local: sacerdotes, religiosas e leigos”³⁵ e é tão importante que deve ser objeto de um esforço permanente para a estudar e compreender melhor numa perspectiva teológica, pastoral e organizacional.³⁶

35 João Paulo II, *Discurso aos Participantes no Congresso Mundial das Migrações*, Cidade do Vaticano, 15 de março de 1979

36 PMH, 5.

7. COOPERAR COM VISTA À COMUNHÃO

“Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco e também tenho de as conduzir; ouvirão a minha voz e haverá um só rebanho e um só pastor”. (João 10, 16)

A nossa vocação, como discípulos missionários e membros batizados da Igreja, consiste em fomentar e fortalecer a comunhão e a unidade na diversidade seguindo o exemplo de Jesus. Ele é o Pastor que cuida não só daqueles que são normalmente considerados “as suas ovelhas”, mas também de toda a humanidade. A via da comunhão torna-se assim o caminho para a fraternidade universal.

DESAFIO

A assistência prestada aos migrantes e aos refugiados por diferentes entidades católicas é frequentemente fragmentária e não coordenada, o que pode prejudicar a eficácia do apostolado, causar divisões internas e levar à perda de recursos. O trabalho de outras entidades envolvidas na assistência aos migrantes e aos refugiados é também afetado por deficiências similares.

RESPOSTA

A Igreja Católica é chamada a promover uma cooperação eficaz entre todas as entidades católicas e entre estas e todos os outros organismos. Tal cooperação pode ser conseguida através de ações como, por exemplo:

1. Garantir a coordenação de esforços de todas as entidades católicas envolvidas na pastoral migratória através de reuniões regulares, em que todos são chamados a partilhar visões e planos de ação prática em comunhão com a Igreja local.

Por conseguinte, é necessário determinar o modo como a Igreja local pode ser fortalecida, de forma a tornar-se capaz de enfrentar desafios futuros que se apresentarem, graças a um certo grau de continuidade nos compromissos assumidos. Com esta finalidade, as organizações caritativas católicas deveriam trabalhar sempre em estreita colaboração com as estruturas diocesanas/eparquiais locais, sob a orientação do Bispo diocesano/eparquial. Em termos de organizações internacionais, os Dicastérios competentes da Santa Sé podem oferecer aconselhamento e assistência.³⁷

2. Fomentar a cooperação entre as Igrejas locais nos países de origem, trânsito e destino dos migrantes e dos refugiados, assente numa responsabilidade pastoral partilhada. Em última análise, é a única Igreja a cuidar desta população.

Por sua vez, as Igrejas tanto de proveniência, como de trânsito e de acolhimento dos fluxos migratórios saibam intensificar a sua cooperação em benefício tanto dos que partem como daqueles que chegam e, em todo o caso, de quantos têm necessidade de encontrar no seu caminho o rosto misericordioso de Cristo no acolhimento do próximo.³⁸

3. Intensificar a cooperação ecuménica, tanto na oração como na ação, começando pela promoção de um planeamento pastoral conjunto entre líderes cristãos que exercem o seu ministério no mesmo território.

³⁷ ACR, 102.

³⁸ Bento XVI, *Mensagem para o 98º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado*, Cidade do Vaticano 2012

7. COOPERAR COM VISTA À COMUNHÃO

A colaboração entre as Igrejas cristãs e as várias religiões não cristãs conduzirá a novas etapas na busca e na realização de uma unidade mais profunda da família humana.³⁹

4. Promover mais encontros inter-religiosos a nível local e outro, com vista a uma reflexão conjunta sobre a migração, defendendo os direitos dos migrantes e dos refugiados e divulgando a mensagem de fraternidade universal.

Este diálogo, a partir da consciência da identidade da própria fé, pode ajudar as pessoas a entrar em contacto com outras religiões. Diálogo significa não só falar, mas também o conjunto das relações inter-religiosas positivas e construtivas com pessoas e comunidades de outros credos para uma compreensão mútua.⁴⁰

5. Promover ações conjuntas e a cooperação entre diferentes organizações de inspiração religiosa, organizações da sociedade civil, governos e agências internacionais, a fim de caminhar juntos rumo a um nós cada vez maior.

De acordo com a sua tradição pastoral, a Igreja está disponível para se comprometer, em primeira pessoa, na realização de todas as iniciativas propostas acima, mas, para se obter os resultados esperados, é indispensável a contribuição da comunidade política e da sociedade civil, cada qual segundo as próprias responsabilidades.⁴¹

³⁹ RDS, 34.

⁴⁰ Congregação para a Educação Católica, *Educar para o Diálogo Intercultural na Escola Católica. Viver Juntos para uma Civilização de Amor*, Cidade do Vaticano 2013, 13

⁴¹ Francisco, *Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado*, Cidade do Vaticano 2018

CONCLUSÃO

Libertando-se de todos os medos, nomeadamente dos que resultam de percepções falsas, as comunidades católicas são chamadas a construir pontes com os recém-chegados, promovendo uma verdadeira 'cultura do encontro'. Esperamos sinceramente que este documento ajude os leitores a tornarem-se, de facto, construtores de pontes e a adquirirem um maior conhecimento, feito de experiência, da riqueza que os migrantes e os refugiados trazem às nossas comunidades.

Considerando todas as ocasiões de encontro com os migrantes e os refugiados necessitados como uma oportunidade de encontrar o próprio Jesus Cristo (cf. Mt 25, 35), as comunidades católicas são convidadas a compreender e valorizar as oportunidades de revitalização oferecidas pelos migrantes e a aumentar o apreço pelo outro, celebrando liturgias vibrantes no respeito pelas diferentes tradições culturais.

As comunidades católicas são convidadas a ver na presença de muitos migrantes e refugiados de outros credos ou sem religião uma oportunidade providencial para cumprir a missão evangelizadora da Igreja através do testemunho e da caridade.

Procedendo assim, as comunidades católicas estarão naturalmente a promover uma cooperação eficaz entre todas as entidades, contribuindo para a imagem e o convite apresentados pelo profeta Isaias ao povo de Deus: "os estrangeiros que se entregarem ao Senhor... conduzi-los-ei ao Meu santo monte, cumulá-los-ei de alegria na Minha casa de oração... porque a Minha casa será chamada a casa de oração para todos os povos" (Is 56, 6-7).

Grata pelo reconhecimento da presença dos migrantes e dos refugiados que, pela graça de Deus, tem vindo a aumentar nas comunidades católicas, a Igreja continuará a sublinhar a multiplicidade dos seus membros como uma riqueza a valorizar e o contributo dos deslocados como uma oportunidade para uma expressão mais sólida e visível da catolicidade da nossa fé.

Para os membros da Igreja Católica, este apelo traduz-se num esforço por se configurarem cada vez mais fielmente ao seu ser de "católicos" (...) O seu Espírito torna-nos capazes de abraçar a todos para se fazer comunhão na diversidade, harmonizando as diferenças sem nunca impor uma uniformidade que despersonaliza. No encontro com a diversidade dos estrangeiros, dos migrantes, dos refugiados e no diálogo intercultural que daí pode brotar, é-nos dada a oportunidade de crescer como Igreja, enriquecer-nos mutuamente. Com efeito, todo o batizado, onde quer que se encontre, é membro de pleno direito da comunidade eclesial local e membro da única Igreja, habitante na única casa, componente da única família.⁴²

Com efeito, as presentes Orientações Pastorais visam dinamizar-nos para que, principiando a nível local e alargando a nossa ação até aos mais longínquos confins dos nossos países, possamos acolher, proteger, promover e integrar os nossos irmãos e irmãs migrantes e refugiados, construindo o Reino de Deus em fraternidade e universalidade em união com o cântico de Zacarias: "Do juramento que fez a Abraão nosso pai, de nos conceder que, sem temor, libertos das mãos do inimigos, O sirvamos em santidade e justiça na Sua presença, em todos os nossos dias" (Lucas 1, 73-75).

⁴² Francisco, *Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado*, Cidade do Vaticano 2021



MIGRANTS REFUGEES

MIGRANTS & REFUGEES SECTION
INTEGRAL HUMAN DEVELOPMENT
PALAZZO SAN CALISTO
00120 VATICAN CITY

